

AS NARRATIVAS DO JORNALISMO INTERNACIONAL COMO INSTRUMENTOS DE TRADUÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADES NA COBERTURA DA ÁFRICA E DO ORIENTE MÉDIO

Éricles Matheus Nunes Annunciato¹

José Augusto Mendes Lobato²

Resumo

Refletindo resultados de uma pesquisa de iniciação científica, este trabalho tem como objetivo central discutir os procedimentos de representação da alteridade em narrativas jornalísticas da editoria internacional, com foco no trabalho executado pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *El País*, *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora* – dos quais extraímos quatro reportagens para análise, todas voltadas às regiões do Oriente Médio e Norte da África. Com base em referenciais dos estudos de linguagem, analisamos de que maneira o jornalismo opera como produtor de discursos sobre universos socioculturais e geográficos distantes e identificamos recursos e técnicas usados nos textos – com destaque para o recurso testemunhal e os comparativos e alusões entre nações – para traduzir a cultura do outro e torná-la compreensível ao leitor.

Palavras-chave: *Jornalismo internacional; Representação; Identidade; Alteridade; Tradução.*

¹ Graduando em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Artigo produzido no âmbito do projeto de pesquisa “Jornalismo internacional e a cobertura de conflitos: representação cultural em ambientes multiplataforma”, vinculado ao Programa de Iniciação Científica da universidade, sob a orientação do Prof. José Augusto Mendes Lobato. E-mail: ericlesmths@gmail.com.

² Orientador do trabalho. Professor dos cursos de Comunicação e coordenador-adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP), mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e graduado em Jornalismo pela Universidade da Amazônia. E-mail: gutomlobato@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Com a eclosão de conflitos de natureza complexa como os que estão acontecendo em países como Síria, Afeganistão, Iraque, Somália e Nigéria, a função do jornalista como mediador social e produtor de representações é essencial, visto que é por meio dos grandes veículos de comunicação que a sociedade se informa e conhece outras culturas. Este processo é resultado da construção da alteridade, já que é a partir dessa forma que são demarcadas as diferenças entre aquilo que é próximo e aquilo que é distante.

Se os meios de comunicação de massa realizam o trabalho fundamental de informar e estimular novas formas de pensar, é evidente a responsabilidade do jornalista como um dos principais tradutores de diferentes realidades socioculturais. Partindo dessa premissa de que o jornalismo possui especial relevância para a construção de sentidos, este texto tem como foco principal estudar a representação de identidades e culturas no jornalismo internacional, delimitado aos locais de conflito do Oriente Médio e Norte da África, com foco nas representações e nos discursos reverberados sobre tais conflitos na imprensa nacional.

Refletindo os resultados de uma pesquisa de iniciação científica, concluída em 2018, o trabalho propõe a análise de quatro reportagens de quatro veículos de comunicação brasileiros ou com publicação no Brasil (*Folha de S. Paulo*, *El País*, *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora*) que apresentam os conflitos nas regiões do Oriente Médio e Norte da África, como a Guerra na Síria, os confrontos entre Israel e Palestina e a Guerra Civil da Somália, entre outros. Nosso referencial é vinculado aos estudos de linguagem e da narrativa jornalística, com ênfase em conceitos como o de representação, tomando a análise dos materiais como método principal a fim de identificar procedimentos recorrentes e técnicas narrativas adotadas.

O JORNALISMO E AS REPRESENTAÇÕES: APONTAMENTOS TEÓRICOS

Partindo de uma visão geral da importância da imprensa na formação da opinião pública, entende-se a necessidade do jornalismo como área de transmissão de discurso e formação de representações. Neste sentido, é preciso refletir ainda mais a fundo a atuação do jornalismo internacional para que as informações tratadas nos meios de comunicação produzam sentido, posto que, como afirmam Gomes e Lobato (2016), para assimilarmos

ambientes externos, buscamos referências próximas para traduzir discursos que, à primeira vista, nos causam estranhamento.

Este processo faz parte da construção da alteridade, já que é a partir dessa forma que são demarcadas as diferenças entre aquilo que é próximo e aquilo que é distante. No caso específico da editoria internacional, que representa e traduz a realidade do Outro, é preciso considerar que:

Ao examinar sistemas de representação é necessário analisar a relação entre cultura e significado. Só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior (WOODWARD, 2000, p. 17).

Como diz Mayra Rodrigues Gomes (2003), são as mídias contemporâneas que controlam a visibilidade e determinam quais valores devem ser seguidos, isto é, “mostram o mundo do ponto que ele deve ser visto”. Complementando, o pensamento de Michel Foucault (1996) reforça as relações de poder estabelecidas pela imprensa, que delimita quem pode ou não participar e produzir discursos. Ao limitar a produção de discursos a uma classe específica, vários grupos acabam sendo marginalizados por falta de visibilidade, dado que “o que não passa pelas mídias não existe” (GOMES, 2003).

No campo da psicologia, também podemos fazer referência às discussões de Moscovici (2003), que defende que nós só vemos o que as convenções dominantes nos permitem ver, e acrescenta que “somos inconscientes dessas convenções”. Naturais às dinâmicas sociais, as chamadas representações sociais servem para convencionalizar objetos, pessoas e fenômenos, oscilando entre a redução da não familiaridade – produzindo consensos e facilitando a tradução de elementos distantes – e a prescrição de modos de ver e lidar com tais objetos.

GLOBALIZAÇÃO DAS IDENTIDADES E A FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO

Outros campos do conhecimento, como os estudos culturais e sobre linguagem, discutem como essas representações e narrativas vêm transformando as identidades, cada vez mais dinâmicas e fragmentadas pelo processo de globalização. Stuart Hall (1997) explica que estas mudanças alteraram as noções de tempo e espaço, resultando numa “crise de identidade”, em que o sujeito antes visto como “estável” passa a ser influenciado pelas pluralidades identitárias.

Nesta perspectiva, o autor aborda a identidade como uma formação complexa e mutável, descartando a concepção essencialista de indivíduos unificados, mas marcada pelas diversas relações de poder. Estas relações, em conjunto com o papel jornalístico como mediador de representações, acabam contribuindo com a perpetuação de estereótipos acerca de outras identidades culturais:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1997, p.12).

A produção de discursos distribuídos em escala mundial, diretamente relacionada à cultura de convergência, passa a estimular o consumo globalizado, enfraquecendo à primeira vista as culturas locais. Mas é em oposição a essa transição que novas identidades nacionais surgem em busca de um poder estável num mundo cada vez mais fluido e dinâmico.

Em questões identitárias ligadas aos discursos da fé, por exemplo, que são frequentemente abordadas no jornalismo internacional em regiões do Oriente Médio e Norte da África, notamos que surgem problemas de representação. Se a noção de identidade “é marcada pelas diferenças” e se estabelece “apelando à antecedentes históricos” (WOODWARD, 2003), Bhabha (1998) reforça que, mesmo recorrendo ao pensamento crítico, o indivíduo não consegue “negar” a própria cultura, por considerar tal ação um desvio de conduta:

Quando o maometano é forçado a negar a demonstração lógica o fato geográfico e o hindu se esquiva à evidência de seus olhos, assistimos a uma forma de ambivalência, um modo de enunciação, uma coerção do sujeito nativo na qual não pode existir nenhuma verdade. Não é simplesmente uma questão de ausência de racionalidade ou moralidade: ela passa por meio de tais distinções históricas e filosóficas das diferenças culturais para, enfim, se instalar naquele espaço discursivo precariamente vazio, onde reside a questão da capacidade de cultura humana (BHABHA, 1998, p.192).

Na conjuntura atual dos grandes fluxos migratórios, as crises de identidade aparecem de forma mais explícita. Kathryn Woodward (2003) comenta que isso ocorre porque “a migração produz identidades plurais”, e ao mesmo tempo “identidades contestadas” que podem ser “desestabilizadas”. Um caso recente exemplifica como essas identidades podem ser contestadas e desestabilizadas: em 2016, alguns municípios da França proibiram o uso do “burkini”, com o argumento de que a vestimenta representa o

islamismo radical e a submissão da mulher – a questão levantou polêmicas a respeito da multiculturalidade e dos limites de intervenção do Estado nas identidades religiosas e socioculturais de populações (TERUEL, 2016, *online*).

Segundo Kathryn Woodward, o processo de migração é uma característica da desigualdade em países pobres e contrário à ideia de que as sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas são objetos de desejo. Para ela, na verdade, os indivíduos são “expulsos” de seus países e são obrigados a buscar alternativas para sobreviver. A crise de identidade gerada pela grande gama de posições identitárias oriundas dos processos migratórios é decorrente da ausência de uma pátria, visto que o sujeito não pode fazer reivindicações por meio de sua origem.

O JORNALISMO INTERNACIONAL COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DA ALTERIDADE

É nesse contexto que o presente trabalho busca refletir e entender as estratégias de cobertura jornalística. A proposta é destacar a importância do jornalismo internacional como mediador de experiências de alteridade, que para além do simples ato de contar histórias, busca debater e apresentar diferentes possibilidades de vivência para o leitor, já que, como Gomes e Lobato (2016, p. 236) afirmam, “narrar é deixar-se envolver e, por extensão, envolver todos os participantes da situação de comunicação nos consensos produzidos no seio da ordem simbólica.”

Começamos nossa análise com a matéria de Naief Haddad, feita no Líbano e publicada em 21 de agosto de 2017 pelo jornal Folha de S. Paulo, que serve como um bom exemplo da estratégia de envolver o leitor na narrativa a partir de recursos de tradução e representação. Além de mostrar fotos da família síria refugiada no Líbano, o autor descreve que as crianças frequentam uma escola, mas que a violência continua os perseguindo:

Ibrahim frequenta uma sala de aula montada dentro do campo de refugiados. Já Manar, Khaled e Omar estudam junto com os libaneses em um colégio na cidade de Baaloul. Segundo a mãe, os três são cotidianamente insultados na escola. “Outro dia, um funcionário falou para os meninos: ‘Vocês são sujos. O que estão fazendo neste país?’” (HADDAD, 2017, *online*)

É possível identificar na matéria um dos procedimentos de representação abordados por Gomes e Lobato (2016), em que o discurso do texto evidencia a “redução de não familiaridade, a fim de domesticar e reduzir o incômodo do confronto com a diferença,

com o incompreensível”. Ou seja, é tratando dos aspectos comuns da vida cotidiana que o discurso jornalístico busca reduzir o estranhamento com o que está distante. Retratar o fator humano de culturas diferentes e neste caso, em situações vulneráveis, é uma das estratégias mais comuns na cobertura de conflitos, que busca estimular o sentimento de empatia no leitor.

Ultrapassando os limites da notícia factual, o jornalista se coloca ainda como um personagem da trama e descreve suas dificuldades em obter informações sigilosas. “Pergunto ao sargento que acompanha a reportagem quantos morreram nos confrontos nessa área. ‘Informação sigilosa’, diz ele, que não pode ser identificado”, relata o repórter, que também não pode fotografá-lo (HADDAD, 2017, *online*).

Em outro momento, Naief Haddad explica que não consegue ter acesso a uma área controlada pelas Forças Armadas do Líbano. “Não há moradores, e a entrada de jornalistas só é permitida com autorização militar”. A narrativa se completa quando Naief contextualiza o assunto remetendo a reivindicações históricas e entrevistando personagens que viveram os conflitos desde a guerra civil no Líbano, iniciada em 1975. É assim que se dá o processo de construção da alteridade, que serve para viabilizar a transmissão da informação a partir de recursos testemunhais do repórter (LOBATO, 2015).

Em uma matéria de 2013 feita na Tunísia por Yan Boechat e Dubes Sonogo para o jornal O Estado de São Paulo, também é possível notar a imagem do jornalista como personagem da história. Ao descrever a confusão de um protesto na periferia de Túnis, os autores do texto assumem a posição de reivindicar as dificuldades da profissão ao relatar que “ao menos três jornalistas estrangeiros que cobriam a manifestação foram atacados”. O texto é trabalhado com descrições precisas dos acontecimentos, abordando detalhes que costumam ser descartados nas *hard news*: “[...] muitos homens e mulheres choravam e uma senhora teve uma crise nervosa a poucos metros do cortejo” (BOECHAT; SONEGO, 2013).

Na editoria Internacional, é perceptível que a posição editorial dos jornais assume que seu leitor médio já possui certo conhecimento acerca de determinados assuntos. No texto de Boechat e Sonogo, o seguinte trecho exemplifica a situação:

Ao contrário da maior parte dos países islâmicos, a sexta-feira é um dia de trabalho normal na Tunísia. Mesmo assim, todo o comércio fechou as portas e o transporte público não funcionou (BOECHAT; SONEGO, 2013, *online*).

Ao pressupor que seu leitor conhece a realidade dos países islâmicos, os autores apontam uma constatação que lhes parece óbvia e de explicação descartável. Na região do Islã, a sexta-feira é um dia sagrado reservado para a oração em congregação, e os jornalistas se eximem de contextualizar a questão para o leitor.

A reprodução minuciosa dos detalhes do ambiente reforça o empenho de fixar uma imagem apocalíptica na cabeça do leitor: a palavra “violência” aparece sete vezes na matéria. Mais à frente, os jornalistas buscam um contraponto para equilibrar a concepção caótica e entrevistam Lina Ben Mhenni, blogueira e ativista premiada indicada ao Nobel da Paz em 2011. No final do texto, os autores dão legitimidade às sensações que temos da região: um lugar desconhecido e de incertezas.

Já na matéria que selecionamos para análise e foi publicada pelo El País Brasil, feita por Natalia Sancha em 17 de abril de 2015, a busca de referenciais da cultura ocidental para simular características de personagens do Oriente Médio se destaca como uma típica estratégia de tradução, utilizando elementos próximos para “ancorar” o distante.

Logo no título, Natalia associa as socialites muçulmanas a uma das famílias mais influentes do continente americano: “As irmãs Kardashian do Oriente Médio”. Expondo ainda mais a sua bagagem ocidental na linha-fina do texto, a autora até mesmo compara o comportamento das libanesas com o das norte-americanas: “Mais recatadas que as norte-americanas, as ‘sisters’ do Líbano mostram em uma série de televisão outra faceta da vida das jovens muçulmanas de classe alta” (SANCHA, 2015, *online*). A comparação, porém, parece justa para a jornalista quando esta informa que as irmãs também têm um *reality show* das próprias vidas.

A grande problemática da representação vem a seguir: a família faz questão de explicar que não se identifica com o rótulo. Uma das irmãs, Alice, se queixa: “é a imprensa que faz a comparação”. A produtora do reality show também protesta:

Em nenhum momento tentamos imitar as Kardashian. Estas garotas vivem em uma cultura muito diferente, mais conservadora. Tentamos, sim, mostrar a vida em família das jovens e suas preocupações [...]. Crescemos em ambiente, cultura e contexto muito diferentes das Kardashian. Por isso nunca faremos certas coisas que fazem elas em seu programa (SANCHA, 2015, *online*).

O que mais surpreende na matéria é o uso do olho, recurso jornalístico que serve para destacar algum trecho importante do texto. Contraditoriamente, o trecho destacado é justamente o que aponta a problematização do texto: “A imprensa que nos compara, mas

não fazemos as coisas que elas fazem”. Se, em vários momentos, as irmãs se queixaram da comparação, é preocupante a insistência da jornalista em associá-las às Kardashians. É cada vez mais necessário repensar e discutir a ética no jornalismo, principalmente no caso de representações de tal natureza, uma vez que uma referência próxima do contexto que se insere para exemplificar ou desmistificar a identidade do outro nem sempre conduzirá a uma abordagem complexa. A sensação é de que a autora do texto o escreveu com a intenção de simplesmente gerar cliques, levando em consideração a possível repercussão da notícia nas redes sociais, onde se concentra o público-alvo de fãs da família Kardashian.

Por último, tomemos o primeiro capítulo da reportagem especial do jornal Zero Hora “7 dias em Bagdá”, assinada por Rodrigo Lopes e publicada em junho de 2016. A primeira frase do texto descreve um acontecimento que, de imediato, se assemelha com o cotidiano comum de uma pessoa jovem, mas que logo se transforma em algo grave:

A mensagem via WhatsApp chega ao smartphone da iraquiana Rafaela Al-Hamawi no final de tarde de quarta-feira, 11 de maio: “Há três atentados simultâneos em Bagdá hoje” (LOPES, 2016, *online*).

Em seguida, o jornalista repete esse procedimento e explica o que aparenta ser uma vida tranquila como a de alguém que vive em um país desenvolvido: a garota de 26 anos é graduada em Literatura Inglesa e está em uma lanchonete do bairro, com seus cabelos desprotegidos pelo hijab. É aí que o “terror”, nas palavras do autor, volta à cena: “O dia de terror começou em Cidade Sadr, gigantesco bairro xiita, no Nordeste, com 2,5 milhões de habitantes, e enclave da milícia Exército Mehdi”. Um carro bomba explode em uma feira livre: “[...] noventa e seis mortos em um intervalo de três horas. Bagdá vive seu dia mais sangrento em 2016” (LOPES, 2016, *online*).

Rodrigo Lopes passa então a se colocar na história como uma testemunha dos acontecimentos, relatando o questionamento das famílias que saíram de suas casas sem saber da possibilidade de se tornar vítimas da matança que ocorreria mais tarde na cidade. A estratégia é comumente usada em narrativas voltadas à alteridade, como já exemplificado aqui anteriormente.

[...] em meu terceiro dia na capital iraquiana, compartilho da dúvida que une os bagdalis a cada notícia de explosão patrocinada pelo autodenominado Estado Islâmico: onde eles estão? (LOPES, 2016, *online*).

Ao citar um ranking que classifica Bagdá como a cidade mais perigosa do mundo, o jornalista logo a compara com o Rio de Janeiro e com São Paulo, que são listadas em 117º e 121º lugar, respectivamente. Em seguida, aparece novamente a já conhecida tática de recorrer aos antecedentes históricos da sociedade bagdali, estratégia comumente utilizada na editoria internacional, que precisa de uma contextualização mais aprofundada por tratar de questões distantes que, à primeira vista, parecem não ter ligação direta com o cotidiano de quem está longe.

Berço das primeiras civilizações – sumérios, no sexto milênio antes de Cristo, babilônios e assírios, entre outros –, foi epicentro de uma revolução agrícola entre os rios Tigre e Eufrates que permitiu ao homem deixar de depender exclusivamente da caça. Durante grande parte dos cinco séculos da dinastia Abássida, de 762 a 1258, Bagdá viu nascer Al-Khwarizmi, o matemático inventor da álgebra, Harun al-Rashid, o califa imortalizado em contos de *As Mil e uma Noites*, astrônomos, poetas, médicos, músicos. Era um entreposto comercial que atraía mercadores da Ásia Central e do Atlântico, provocando inveja no restante do Oriente e no Ocidente (LOPES, 2016, *online*).

Além de descrever os grandes marcos da cidade, o autor conta a história do surgimento do Iraque moderno após a Primeira Guerra Mundial, seguido de diversas guerras, como a árabe-israelense e a Guerra dos Seis Dias, até chegar à era Saddam Hussein, derrubada por uma invasão americana que acusava o ditador de manter armas de destruição em massa – nunca encontradas. Apesar de tudo, diz o jornalista, “Bagdá é [...] uma cidade com acesso livre a quase todos os locais. Você só não pode estar no lugar errado na hora errada” (LOPES, 2016, *online*).

Ao final do primeiro capítulo, Rodrigo Lopes se coloca novamente na história, explicando para o leitor um pouco do universo jornalístico de acesso aos países (questões burocráticas e legais). No planejamento inicial da viagem, o jornal não tinha previsto os atentados terroristas que aconteceriam durante a incursão. Por fim, uma cartografia da região também é apresentada, ilustrando as áreas sob domínio ou com presença do Estado Islâmico – mais uma vez, demarcando a dimensão didática e de exploração contextual, típica de reportagens imersivas e, acima de tudo, de conteúdos jornalísticos que se voltam à tradução e representação do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa se moveu pelo propósito de entender os mecanismos de representação do jornalismo internacional, procedendo, para isso, à análise dos processos e estratégias presentes nos discursos jornalísticos brasileiros (com delimitação voltada aos jornais *Folha de S. Paulo*, *El País Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora*), com foco na cobertura de conflitos internacionais nas regiões do Oriente Médio e Norte da África.

Durante a análise, no intuito de nos aprofundarmos no entendimento dos recursos que possibilitam as narrativas de alteridade, constatamos os procedimentos de tradução de questões socioculturais, as estratégias de produção de sentido e a redução do estranhamento em relação ao outro. Vimos que a função testemunhal e a busca pelos antecedentes históricos são frequentemente utilizadas em reportagens da editoria internacional, que buscam humanizar e prover uma contextualização aprofundada a respeito de tópicos complexos. À primeira vista difíceis de ser associados ao nosso cotidiano, aspectos da rotina em países do Oriente Médio e do Norte da África acabam por ser familiarizados a partir de técnicas que incluem a alusão e comparação com elementos próximos (comparativo entre cidades brasileiras e das nações retratadas) e a figuração do repórter como personagem ativo da história.

Especificamente na matéria do *El País Brasil*, notamos as dificuldades de representar uma cultura distante ao insistir em buscar por referenciais próximos ao leitor, que acabaram gerando um resultado ao inverso do esperado: as identidades não se veem representadas e entram em conflito, inclusive, dentro do texto, por meio da inserção de depoimentos. Em outra etapa do projeto de pesquisa, também abordamos o jornalismo internacional pela perspectiva de correspondentes e editores, em forma de entrevistas com os profissionais especializados na área, com comentários sobre os principais critérios de edição adotados em reportagens como as citadas na presente análise.

A partir dessa perspectiva, percebemos que aspectos como a seleção do noticiável, a dimensão dada aos acontecimentos – nas esferas macro (elementos geopolíticos) e micro (histórias de vida) – e os aspectos estruturais e de rotinas de produção de correspondentes e editores da área internacional influenciam diretamente a produção de um conteúdo que, acima de tudo, tem como propósito oferecer ao consumidor de informação narrativas de alteridade, voltadas à tradução, domesticação e familiarização do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGHIRNI, Zélia. A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional. **InTexto**, Porto Alegre: UFRGS, n.28, p. 32-52, jul. 2013.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOECHAT, Yan; SONEGO, Dubes. Violência se espalha durante funeral de opositor assassinado na Tunísia. **O Estado de S. Paulo**, 9 fev. 2013. Internacional. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,violencia-se-espalha-durante-funeral-de-opositor-assassinado-na-tunisia-imp-,994995>>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo**. São Paulo: Edusp e Hacker Editores, 2003.

GOMES, Mayra Rodrigues; LOBATO, José Augusto. “A Primavera Árabe e o enquadramento do outro”. In: JESUS, E.; TRINDADE, E.; JANOTTI JR., J.; ROXO, M. (Orgs.). **Reinvenção Comunicacional da Política**. Brasília: Compós, 2016.

HADDAD, Naief. 'Síria será como o Iraque', diz refugiada no Líbano. **Folha de S. Paulo**, 21 ago. 2017. Mundo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1911550-refugiados-sirios-no-libano-nao-pensam-em-regressar.shtml>>. Acesso em: 26 Nov. 2018

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ed. São Paulo: DP&A, 2005.

LOBATO, J. A. Demarcando fronteiras na tela da TV: as representações de alteridade na cobertura jornalística internacional. **Rumores** – Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias, v. 9, n. 18, p. 365-383, dez. 2015.

LOPES, Rodrigo. 7 dias em Bagdá. **Zero Hora**, 4 jun. 2016. Especial. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/especiais-zh/sete-dias-bagda/>>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NATALI, João. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

NETTO, Andrei. Mais uma cidade francesa proíbe o 'burkini'. **O Estado de S. Paulo**, 15 ago. 2016. Internacional. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,mais-uma-cidade-francesa-proibe-o-burkini,10000069691>>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

SANCHA, Natalia. As irmãs Kardashian do Oriente Médio. **El País Brasil**, 18 abr. 2015. Estilo. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/17/estilo/1429271179_928530.html>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

SANTOS, Rafael José dos. O 'étnico' e o 'exótico': notas sobre a representação ocidental da alteridade. **Rosa dos Ventos**, n.5(4), out./dez. 2013.

TERUEL, Ana. Cannes proíbe o uso do burkini em suas praias. **El País Brasil**, 12 ago. 2016. Religião. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/12/internacional/1471003957_038249.html>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.